

## ASPECTOS INTERACIONAIS EM MOOC: UMA ANÁLISE DOS RECURSOS UTILIZADOS

**Aline Tavares Costa (UEPB)**  
[tavares.costa.aline@gmail.com](mailto:tavares.costa.aline@gmail.com)

**Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro Moita (UEPB)**  
[filomena\\_moita@hotmail.com](mailto:filomena_moita@hotmail.com)

**RESUMO:** A sociedade se edificou em interações de sujeitos, os quais, percebendo a necessidade de comunicar conhecimentos, conceberam o ensino institucionalizado, que, porém, se mostra insuficiente para seu público; este aprende constantemente, conectando-se com indivíduos que nunca viu pessoalmente. Esta pesquisa pretende analisar o diálogo em um curso online para identificar os recursos utilizados nesta interação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interação. Educação online.

**ABSTRACT:** *The company is built on interactions of individuals, who, realizing the need to communicate knowledge, conceived of institutionalized education, which, however, is insufficient for your audience; it learns constantly connecting with people who have never seen in person. This research aims to analyze the dialogue in an online course to identify the resources used in this interaction.*

**KEYWORDS:** Interaction. Online Education.

### 0. Introdução

A necessidade de repassar costumes às gerações seguintes motivou a interação nas sociedades, iniciando processos de comunicação e de ensino e aprendizagem. Antes mesmo do surgimento da escrita, como tecnologia capaz de registrar informações, essa interação ocorria pela mediação de artefatos diversos (voz e gestos, por exemplo). O suporte e o formato dos

registros evoluíram conforme o desenvolvimento de novas tecnologias, culminando, muitas vezes, em combinações para representação da informação pretendida.

Na Grécia antiga, o meio mais utilizado de ensino era o de aprendiz ou tutoria. As instruções eram dadas a grupos seletos da sociedade. Não havia padronização do que ou como ensinar, cada mestre o fazia como bem entendesse. Esta prática só era possível pelo número reduzido de alunos. Quando a população questiona sua própria alfabetização, ainda que sem mestres/tutores suficientes, são criados mecanismos adaptativos, para que haja uma base de conhecimentos disponível a todos, como o currículo, que padronizou os conhecimentos e facilitou o surgimento de novos mestres/tutores; os livros didáticos, que passaram a responder pelo conhecimento – antes permanente apenas na mente do tutor; e a teorização de atividades essencialmente práticas, por limitações de tempo, espaço e recursos.

Esses mecanismos, porém, são questionados, pois as pessoas são diferentes, possuem histórias distintas, conhecimentos prévios diversos e um ritmo próprio para aprender. Tais aspectos são ignorados na prática de um ensino padronizado. Uma das modalidades que busca atender àqueles aspectos é a educação *online*. Sua proposta está ligada à democratização do conhecimento, uma vez que os conteúdos do curso são disponibilizados para serem estudados em tempo, lugar e ritmo controlados pelo aluno.

Esta pesquisa objetiva analisar um tópico do fórum de um curso *online*, a fim de identificar os recursos utilizados para interação entre os participantes do curso. Para tal, pressupostos netnográficos servirão de aporte metodológico para observação, análise e descrição dos diálogos.

## 1. A interação na sociedade

O ato de interagir é inerente ao ser humano, uma vez que a sua descoberta como ação motivadora de avanço proporcionou o desenvolvimento social, cultural, histórico, educacional. Definidos por Fávero *et al.* (2010, p. 92), “a natureza da interação, os papéis interacionais e as relações que se estabelecem entre os participantes geram um conjunto de expectativas”, em que estratégias e elementos sintáticos vão sendo utilizados para atingi-las (as expectativas) durante a ação comunicacional.

A interação ocorre quando pares possuem, em comum, objetivo, conhecimento prévio, e dividem momentos de locução e interlocução – não necessariamente orais –, numa construção de sentido significativo. Para Fávero *et al.* (2010), as representações não-verbais promovem indícios influenciadores na produção verbal do locutor, que desenvolve sua fala, parametrizando a do seu parceiro. Assim, há colaboração e partilha entre os envolvidos. Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 11) confirma a influência na interação, quando na troca comunicativa em diversos meios “nem sempre de natureza linguística”.

Este processo de troca fundamentada na conversação – ato social emoldurado pelas próprias relações – conta, também, com o fenômeno de figuração, no qual “os interlocutores se *representam* uns diante dos outros de determinada maneira.” (KOCH, 2006, p. 124 – grifo original). Este fenômeno consiste em alternar, como bem entender, as faces dos próprios interlocutores, em função do ambiente, das pessoas ao redor, das atividades a serem realizadas; uma tipologia definida no lugar, nos participantes, no objetivo e no grau de formalidade da interação (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006).

Em cada interação há um meio de realização da ação. Este meio acompanhou a evolução tecnológica da sociedade, que busca e exige manipulação, contribuição, análise, retificação e compartilhamento daquela informação, um processo de geração de conhecimento em rede, o que, para Gatti (2013), compactua com a escola desejada.

A tecnologia digital influenciou – ou teve seu desenvolvimento influenciado por – mudanças ocorridas na sociedade, satisfazendo as exigências desta. Para Silva (2012), a comunicação em massa já não atinge as expectativas do público, que anseia pela participação ativa na produção da mensagem. O desejo individual se sobressai, tornando a produção em série diversificada, personificada, adaptável.

A interação das técnicas com as linguagens comuns ao cotidiano naturalmente provoca uma interatividade, pois permite a modificação e a adaptação do conteúdo, sendo “nova experiência de conhecimento jamais permitida pelas tradicionais tecnologias comunicacionais” (SILVA, 2012, p. 45). Ao considerar o computador um mediador, sua participação como interagente será determinada pelo nível de permissão disponível para manipulação da sua informação. Em outras palavras, o interlocutor/interagente terá possibilidades linguísticas para construir um sentido, permitidas pelo sistema informático. Diante do universo simbiótico existente no mundo real e da naturalidade com que se constroem e se desconstroem interações, os recursos *online* apresentam-se como espaços propícios para estas, permitindo maior alcance das extensões corporais virtuais.

## 2. Interagindo com recursos digitais e ambientes online

As opções ofertadas pela internet permitiram uma mudança significativa nas relações interpessoais, de trabalho e acadêmicas. Os processos de formação passaram a ser influenciados pela personificação dos usuários da rede, de modo que é possível a construção de perfis (verdadeiros ou não) e a participação singular em ambientes *online*. Antes mesmo de discutir a própria função do ser aprendiz numa sociedade em rede, ressaltam-se, com base nas produções de Silva (2012), as mudanças culturais que subsidiaram as transformações no perfil de produção industrial.

Ao perceber o movimento interacional promovido pelos recursos digitais, a indústria do entretenimento incorporou a lição *faça-você-mesmo* e passou a disponibilizar opções para personalizar os produtos segundo as preferências do usuário (SILVA, 2012). Programas televisivos contam com a participação do telespectador para determinar o rumo da atração, repórteres vão à rua para que a população apareça e se expresse. Brinquedos possuem formatos e cores de peças a mais para montagens diferenciadas.

O *ciberespaço* é um ambiente de construção múltipla, com pré-conceitos e produção interconectada. Fávero *et al.* (2010, p. 109) acrescentam que o encontro neste espaço desenvolve-se nas atividades linguísticas e de significado, “demonstrando sua compreensão das regras sociais, negociando suas identidades e buscando exercer controle uns sobre os outros”. Sendo predominantemente escrita, a interação *online* reconhece as práticas convencionais da oralidade, sem a representar por completo, pois

não possui elementos suficientes para reproduzir seus fenômenos (MARCUSCHI, 2001).

Diante da liberdade na produção de sentidos, há necessidade de multiletramentos (ROJO, 2012) para que a informação seja compreendida. Para Tschofen e Mackness (2012), o processo da escolha do recurso está intimamente ligado à autonomia desenvolvida por cada indivíduo, salientando suas variantes de contexto, personalidade e nível de controle. Silva (2012) ressalta o padrão cultural da atual sociedade, com base no exposto por Castells, a partir da diferenciação de interesses, de costumes; da definição de grupos produtores/consumidores de informação – ainda que alguns consigam transitar entre si; e da integração dos tipos de mensagem em padrões cognitivos comuns, ou seja, estreitamento da distância entre o processamento sensorial e o cognitivo.

Esses elementos alimentaram novos sentidos, respondendo positivamente a processos de aprendizagem com base em interação social, para Bidarra (2009), relação reconhecida como necessária. Observando a busca por adaptação da escola, aqueles elementos puderam ser recriados em ambientes pensados e coordenados para aprendizagem de conhecimentos científicos. Vale salientar a importância destes espaços também como motivadores do relacionamento amigável professor-aluno.

O falante, quando em interações informais *online*, em *chat* e redes sociais, por exemplo, usufrui de linguagem “livre e envolve, ao contrário de todos os demais gêneros textuais escritos impressos, muitos elementos paralinguísticos” (MARCUSCHI, 2005, p. 45), não-verbais. De acordo com Crystal (2005), a união escrita/fala converge no ambiente *online* como uma nova modalidade de comunicação, a *netspeak*.

O desenvolvimento de maneiras de representar as inconstâncias e particularidades da voz é desesperador (CRYSTAL, 2005), quando então são utilizados, exageradamente, ortografia, espaçamento, sinais de pontuação, letras maiúsculas e *emoticons* (ícones formados por combinações de caracteres que representam emoções). Esta tentativa de reproduzir marcas da oralidade pode ser naturalmente encontrada na escrita, principalmente em ambientes informais.

O sujeito, enquanto aluno nestes ambientes, possui habilidades pautadas em suas práticas de autor *online*, portanto em constante processo de adaptação, ansiando exercitar sua mente criativa. Este ser encontra-se aberto às possibilidades, mas torna-se mais exigente no *feedback*, tanto do professor, quanto da instituição que promove a formação (PALLOFF e PRATT, 2004). As possibilidades ofertadas pelos recursos digitais são, portanto, acompanhadas por novas exigências na condução de cursos, tanto presenciais quanto *online*. Dentre estes, os MOOC possuem uma dinâmica diferenciada, quando permitem a participação de muitos alunos, tendo o foco na colaboração interna.

## **2.1 Sobre o MOOC**

Em novembro de 2012, o *New York Times* publicou uma matéria com o título “*The Year of the MOOC*”<sup>1</sup> (“O ano do MOOC”). Mesmo sendo um modelo já conhecido, destacou-se como alternativa de aprendizagem, em 2010, com *Personal Learning*

---

<sup>1</sup> Disponível em < [http://www.nytimes.com/2012/11/04/education/edlife/massive-open-online-coursesare-multiplying-at-a-rapid-pace.html?pagewanted=all&\\_r=0](http://www.nytimes.com/2012/11/04/education/edlife/massive-open-online-coursesare-multiplying-at-a-rapid-pace.html?pagewanted=all&_r=0) > Acesso em 29 de junho de 2013.

*Environments Networks and Knowledge*; e em 2011 com *Creativity and Multicultural Communication* e *eduMOOC – Online Learning Today and Tomorrow*.

*Massive Open Online Courses* (MOOC) são cursos acessados por qualquer pessoa, suportando um número grande de alunos. A autonomia é um dos princípios para aprendizagem do conectivismo, teoria proposta por Siemens (2010). Para Tschofen e Mackness (2012), conectividade, diversidade e abertura/liberdade complementam o pensamento conectivista, como resposta à necessidade de expressar e compartilhar conhecimento utilizando uma complexa estrutura em rede. Estes elementos adéquam-se à era digital, sendo fundamento teórico para MOOC. Segundo Siemens (2010), a aprendizagem pode ser concebida fora do indivíduo, porém, considerando a efemeridade das informações veiculadas na rede, toda interação deve ser guiada pela habilidade de distinguir importâncias para que, só então, seja possível tomar uma decisão acertada.

O professor, portanto, não assume sozinho o papel de elaborar e disponibilizar materiais de estudo; a responsabilidade de criar o curso é dividida com os alunos, que, assumem uma postura ativa de adaptação e de distribuição de novos conteúdos. Para Figueiredo<sup>2</sup> (2012), existem virtudes e limitações em relação aos MOOC: são exploratórios, disruptivos (nasceram e cresceram à margem dos sistemas tradicionais), desconstrutivos (questionam a validade de ideias vigentes), incubadores (“são espaços experimentais vivos”) e contextuais. As limitações apresentam-se na ausência de um plano de negócio (com previsão de custos e

---

<sup>2</sup> Disponível em < <http://MOOCead.blogspot.com.br/2012/10/MOOCs-virtudes-e-limitacoes.html> > Acesso em 29 de junho de 2013.



rendimentos), na “acreditação problemática” (vale realmente a pena?), nas elevadas taxas de evasão, na escalabilidade reduzida (muita demanda e pouca oferta) e na dificuldade de autenticação dos alunos.

Anderson e Dron (2011) consideram a abordagem conectivista uma teoria do conhecimento – não da aprendizagem ou do ensino – e assumem que a informação é abundante, mas as regras de aprendizagem não envolvem memorização, sim capacidade de encontrar e aplicar o conhecimento quando necessário. A estrutura de rede possibilita a apropriação de informações nas diversas áreas de interesse, sem hierarquia e rótulos. As pessoas criam, adaptam, compartilham e distribuem um conhecimento construído colaborativamente, utilizando habilidades e capacidades individuais.

### **3. Percurso metodológico**

Esta pesquisa explorou as construções enunciativas ocorridas em um tópico de um fórum do curso *online* MOOC Tutoria. Considerando estes espaços como gêneros textuais digitais, a comunicação pode ser mediada por tecnologia midiática, como o celular, o computador pessoal e o *tablet*. Objetiva-se, portanto, analisar os diálogos neste espaço para identificar os recursos utilizados na interação entre os participantes.

A etnografia é, a princípio, a mais adequada, tendo em vista o viés qualitativo desta pesquisa, pois, segundo Chizzotti (1995, p. 80), o pesquisador delimita seu problema e procura suas respostas a partir do significado “das ações e das relações que se ocultam nas

estruturas sociais”. O mesmo autor define a etnometodologia como a investigação das ações cotidianas dos atores sociais em busca da compreensão do sentido que estes atores imputam aos acontecimentos diários. No entanto, o surgimento de termos advindos deste método, aplicados ao ambiente digital – etnografia digital, *webnografia* e *netnografia* (AMARAL, 2010) – permitiu apurar as possibilidades do ambiente *online*.

Para Amaral (2010) e Rocha e Montardo (2005), a cultura digital reflete e causa comportamentos na sociedade que a criou, pois sua atividade de retroalimentação incentiva o imaginário do senso comum contemporâneo. Ainda que mudanças significativas não tenham ocorrido, o termo *netnografia* tem se destacado por representar o ambiente *online* como extensão do *offline*, sendo amplamente utilizado em pesquisas em *marketing*, comunicação e administração (AMARAL, NATAL e VIANA, 2008).

A *netnografia* apresenta-se, portanto, como método qualitativo, com aspectos facilitadores do processo, como acesso livre e pouco influenciável às trocas comunicacionais, e baixo consumo de tempo e recursos, porém perde-se um pouco da comunicação não-verbal, não representada totalmente por elementos gráficos (*op. cit.*).

Os participantes desta pesquisa foram alunos de um MOOC – cursos que podem ser acessados *online* por qualquer pessoa e suportam um número grande de estudantes. O MOOC Tutoria, realizado na plataforma Moodle, obteve 2130 alunos, num intervalo de aproximadamente três meses de atividade (4 de novembro de 2013 a 31 de janeiro de 2014). A demanda por este curso pode ser justificada por ser a tutoria em cursos *online* uma temática atual,

ainda que profissionais das mais diversas áreas – professores, administradores, enfermeiros e dentistas – tenham participado.

O responsável pelo curso procurou utilizar ao máximo cada recurso disponível – o *Moodle* permite integração de redes sociais, construção de avaliações e de *wikis*, além dos recursos esperados de um ambiente virtual de aprendizagem –, principalmente por ser uma discussão sobre tutoria *online*, tornando-se importante explorar as possibilidades que permitam maior aproximação com os alunos em cursos desta natureza.

Ao todo foram seis temas: a) Tutor é professor; b) Modelos em Educação a Distância; c) Competências e funções do tutor; d) Interações em EAD; e) Atividades em EAD; e f) Avaliação. Cada item contou com interações em fóruns, vídeos sobre o assunto, *hiperlinks*, criação de glossário e de bibliografia pelos próprios alunos. A cada utilização de recurso, era explicado como foi desenvolvido, para qual objetivo e como funciona.

Além desses temas, os participantes do curso tinham acesso a um setor de avisos, termos de uso, guia do *Moodle*, fórum de apresentação e de dúvidas – é sobre o último item que esta pesquisa irá se debruçar. Pelo grande número de alunos, foi preciso escolher um espaço de interação possível de ser analisado em tempo hábil e com certa profundidade. O fórum de Dúvidas possui 140 tópicos (827 comentários), dos quais 3 se destacam pela quantidade de comentários: “Desabafo” (84 comentários), “Dicas de postagem” (70 comentários) e “Acessibilidade” (57 comentários).

## 4. Interação com recursos digitais em MOOC

Apesar do público variado e da incertezas quanto ao conceito de MOOC, o fórum de Dúvidas teve contribuições iniciadas antes mesmo de começar o curso (17 de outubro de 2013) e se estendeu até após a data de finalização das atividades (20 de fevereiro de 2014). Este intervalo revela, portanto, uma expectativa alta para ações interacionais, de exposição de opiniões e participação das discussões.

O tópico que mais obteve comentários (“Desabafo”) aborda uma questão preocupante em cursos *online*, massivos ou não: o *feedback*. O tópico diz o seguinte:

“Caros colegas de curso,  
Estou realizando este curso, pra tentar buscar maior conhecimento metodológico sobre cursos a distancia. Ja fiz alguns e nao consigo interagir com os tutores, eu cutuco, pergunto, mando emails, e nada, a impressao que tenho é que estou só.” [transcrição ortográfica original]

A interação nestes ambientes é o fator determinante para a permanência do aluno no curso (MATTAR, 2013; MOORE, 2007; SILVA, 2012). A Teoria da Distância Transacional, definida por Michael G. Moore, em 1970, reúne autonomia, estrutura e diálogo numa tríade que influencia o “espaço psicológico e comunicacional” provocado pela distância física (TORI, 2010, p. 60). Esta teoria determina uma proximidade relacional e afetiva mais significativamente decisiva para a aprendizagem. Um exemplo das consequências desta ação está em um dos comentários do fórum analisado:

“Confesso que já desisti de um curso à distância em virtude da posição do tutor diante de uma colocação minha. Eu não respondi; apenas me distanciei. Depois de uns dias ele notou minha ausência e escreveu-me pedindo desculpas, mas o encanto já tinha sido quebrado. Foi minha primeira (e ruim) experiência em cursos à distância (*sic*), mas superei e voltei.”

O professor e/ou tutor são responsáveis por construir um ambiente acolhedor e que estimule o envolvimento dos alunos; caso contrário, o índice de evasão aumentará. A distância transacional será menor com a extensão do diálogo entre alunos-professores-conteúdo (*op. cit.*). Diante disto, o apelo da aluna quanto ao *feedback* dos tutores indica uma fragilidade significativa na condução do curso, porém é válido considerar as colocações realizadas nos comentários deste tópico:

“[...] Você não está só, a diferença entre outros cursos a distância que você, eu e outros colegas já fizemos é que os mesmos se davam em grupos menores e tutores exclusivos.” (aluno)

“[...] Estou realmente percebendo que, realmente os próprios alunos do curso, estão, por muitas vezes tornando-se nossos tutores, e estou maravilhada com isso, já que não tenho a menor experiência com tutoria! Obrigada pelas “dicas preciosas”.” (aluno)

“[...] este curso não tem tutores, por isso você não está conseguindo interagir com eles. Ele tem um professor (eu), uma administradora do sistema e seus colegas. [...] Você sem dúvida tirará daqui algumas orientações metodológicas para EaD, mas não pode esperar que todas sirvam para o planejamento de cursos com menos alunos” (professor)

Estas justificativas resumem bem as colocações de boa parte dos participantes deste tópico de fórum, certos da proposta dos MOOC, mas que, em alguns momentos, desviaram-se do tema central e caminharam por discussões sobre a própria condução do curso. A aluna voltou ao tópico apenas uma vez, enfatizando sua

fala inicial “Este desabafo, foi para varios cursos que ja realizei, o tutor do EAD é uma icognita. Voce nunca sabe onde e como falar com ele, apesar do link lhe dar todas as dicas.” [transcrição ortográfica original], mas percebe-se que talvez haja uma parcela de desconhecimento dos procedimentos adotados tanto na plataforma, quanto na dinâmica do curso.

Em termos de recursos, observou-se a utilização de vídeos, *emoticons* (“😊”, “😬”, “😄”), *links* externos, repetição de letras e sinais de pontuação (“rsss”, “!!!!”) e contração de palavras (“Bjs”, “vc”, “Abs”). Apesar da barra de formatação existente, não foram muitas as variações advindas desta ferramenta, evidenciando pouca exploração, desconhecimento ou a noção equivocada de que tornará a mensagem mais descontraída, quando poderia direcionar a atenção do leitor.

Observou-se também um nível de envolvimento afetivo intenso (entre indivíduos que já se conheciam ou não), porém os diálogos prezaram por cordialidade – quando a maioria inicia e finaliza sua fala com marcadores específicos para estas funções (“Olá”, “Oi”, “Concordo”, “Professor”, “Abraços”, “Obrigada Professor, obrigada colegas”, assinatura dos próprios nomes) e formalidade, menor incidência de abreviações, de erros ortográficos ou de digitação, no corpo dos textos. Este fato pode estar ligado ao público adulto e de diversas áreas do conhecimento, que valoriza a comunicação em sua versão mais tradicional, fato confirmado pela reduzida utilização de recursos linguísticos e da própria plataforma. Entretanto, alguns alunos percebem e comentaram esta carência:

“[...] como estamos num terreno onde as tonalidades de voz, as nuances do olhar e dos gestos estão ocultos, sinto necessidade de pontuá-los de alguma forma, para

me assegurar de que os "ruídos" comunicacionais sejam minimizados... 😊" (aluno)

"[...] É muito comum que as pessoas abandonem os cursos a distância por conta desses "ruídos" comunicacionais. Se até no presencial, mesmo com todos esses indicadores corporais presentes, ainda assim nos "estranhamos" uns com os outros, quem dirá a distância, não é mesmo? Não é algo que acontece naturalmente o tutor aprender a manejar as palavras escritas de forma a demonstrar afetividade (*sic*), algo fundamental na comunicação a distância. Como expressá-la, como dosá-la, são competências que vamos aprendendo com a experiência, mas, ainda assim, exigem de nós ajuste constante, pois cada aluno reage de forma diferente a essas situações típicas desse universo virtual. 😊" (aluno)

Outro recurso a ser apontado foi construído e utilizado por todos os participantes do tópico de discussão, mesmo não intencional: o *link* com o glossário. Uma das atividades do curso foi contribuir na criação de um glossário com significados de termos utilizados na educação *online*, sendo possível anexar arquivos, editar os verbetes já criados e comentá-los. Quando qualquer destes termos era mencionado, tornava-se *link*, com acesso rápido em uma janela extra (*pop-up*) para esclarecimentos.

Os recursos foram amplamente utilizados pelo professor, principalmente para atender o objetivo principal do curso: explorar o conceito de tutorial *online* e suas possibilidades de atuação. Percebe-se ainda uma timidez em usufruir destes recursos pelos participantes, ainda que estes se coloquem a favor, encantados e animados com a experiência.

## 5. Reflexões

As exigências de uma sociedade em constante transformação resultam em imposições comportamentais. A rápida evolução das

tecnologias contribuiu para a busca cada vez maior de indivíduos que saibam manusear essas novidades. A criação de espaços para além das limitações físicas permitiu a convergência de culturas e saberes construídos socialmente. Os estilos de comunicação, portanto, ao passarem por processos de miscigenação, criaram outros gêneros textuais. Dentre estes, os digitais destacam-se, por representar uma cultura impregnada na sociedade atual, na qual estruturas linguísticas e interacionais migram, sob formas representacionais, para o ambiente *online*.

A modalidade de educação *online* objetiva democratizar o acesso a culturas distintas, sem necessariamente o deslocamento até elas. O aluno, portanto, é responsável pelo cumprimento das metas e pela condução da sua aprendizagem, precisando estar preparado para tamanha liberdade. Os diálogos e a estrutura destes espaços são determinantes para manter atenção do aluno em meio às distrações, utilizando-se, principalmente, dos recursos disponíveis nos ambientes virtuais de aprendizagem.

A quantidade de alunos em um curso como o MOOC Tutoria dificulta o diálogo entre professor e aluno diretamente. Por outro lado, o envolvimento entre os próprios membros, a partir de respostas a comentários, e o compartilhamento de informação para esclarecimento de dúvidas, com o incentivo ou não do condutor, evidenciou características importantes do aprendente *online*, como colaboração, autonomia, alternância de papéis, autoria.

Houve participação ativa dos alunos no tópico analisado, tanto nas explicações sobre as angústias discentes, quanto nas contribuições acerca de aspectos relacionados ao curso e à modalidade *online* como um todo. A existência de pessoas com dificuldades no manuseio e no acompanhamento do curso instiga o



lado tutor de cada aluno, passando de um curso sem tutores eleitos, para um repleto de contribuições nos mais diversos formatos. Estes aspectos precisam ser incentivados pelas propostas de atividades e pelos próprios alunos, numa relação de respeito e co-autoria de saberes.

## 6. Referências

- AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. *In: REVISTA USP*, São Paulo, n.86, p. 122-135, junho/agosto 2010. Disponível em < <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13818> > Acessado em 08 de junho de 2014.
- AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Luciana. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. *In: Sessões do imaginário Cinema Cibercultura Tecnologias da Imagem*, Porto Alegre, n.20, dezembro 2008. Disponível em < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/4829/3687> > Acessado em 08 de junho de 2014.
- ANDERSON, Terry; DRON, Jon. Three generations of distance education pedagogy. *In: International Review of Research in Open and Distance Learning*. vol. 12.3, maio, 2011. Disponível em <<http://www.irrodl.org/index.php/irrodl/article/view/890/1826> > Acesso em 30 de junho de 2013.
- BIDARRA, José. Aprendizagem multimédia interactiva. *In: MIRANDA, Guilhermina Lobato (org.). Ensino online e aprendizagem multimédia*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 353-384, 2009.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- CRYSTAL, David. **A revolução da linguagem**. Tradução de Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FÁVERO, Leonor Lopes *et al.* Interação em diferentes contextos. *In: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros. Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010.
- GATTI, Bernardete A. Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses. *In: Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 50, p. 51-67, out./dez. 2013. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/er/n50/n50a05.pdf> > Acessado em 07/05/2014.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação: princípios e métodos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KOCH, Ingedore. **A inter-ação pela linguagem**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MATTAR, João. **Web 2.0 e redes sociais na educação**. São Paulo: Artesanato, 2013.

MOORE, Michael. **Educação a distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **O aluno virtual: um guia para trabalhar com alunos online**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. *In*: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – e-compós**, 22p. dezembro 2005. Disponível em < <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/55/55> > Acessado em 08 de junho de 2014.

ROJO, Roxane Helena R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagem na escola. *In*: ROJO, Roxane Helena R. (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. Os espaços líquidos da cibermídia. *In*: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Ecompós –**, 2005. Disponível em <http://www.compos.org.br/seer/index.php/ecompos/article/viewFile/26%3E/27>. Acesso em 19 de julho de 2013.

SIEMENS, George. Conectivismo: uma teoria de aprendizagem para la era digital. *In*: APARICI, Roberto. **Conectados en el ciberespacio**. UNED: Madri-Espanha, 2010.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa: educação, comunicação, mídia clássica...** 6 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

TORI, Romero. **Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

TSCHOFEN, Carmen; MACKNESS, Jenny. Connectivism and Dimensions of Individual Experience. **The international review of research in open and distance learning**, vol 13, nº 1, 124-143, Jan 2012. Disponível em < <http://www.irrodl.org/index.php/irrodl/article/view/1143> > Acesso em 07 de agosto de 2013.